



Joel António Tiago

**CONFLITOS DE GÉNERO EM
NIKETCHE, DE PAULINA CHIZIANE**



Joel António Tiago

**CONFLITOS DE GÉNERO EM *NIKETCHE*, DE PAULINA
CHIZIANE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha amada mãe Aquista Benjamim, pelo apoio incondicional e incansável, amor e carinho que diariamente concede-me.

O júri

Presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais

Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Joaquim João Cunha Braancamp de Mancelos

Professor Auxiliar da Universidade da Beira Interior (Argente)

Prof. Doutor Nobre Roque dos Santos

Reitor da Universidade Zambeze (Moçambique)

Prof. Doutor António Manuel dos Santos Ferreira

Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (Orientador)

Agradecimentos

Para que este trabalho fosse materializado, houve colaboração e contribuição de várias entidades; como tal é oportuno desde já endereçar os meus sinceros agradecimentos a todos os que apoiaram.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, o Autor da Existência, pela vida, saúde e proteção que me concedeu durante todo este percurso da sinuosa vida académica.

Seguidamente, agradeço a todos os professores da Universidade de Aveiro que lecionaram e tornaram possível este curso, especialmente ao meu orientador Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, e ao diretor do curso, Professor Doutor Carlos Morais.

Os agradecimentos são extensivos à minha família: pai António Tiago, mãe Aquista Benjamim, irmãos: Anabela, Salatiel, Prisca, Lourenço e Ivânia. Não me esquecerei de um tio que sempre cuidou de mim como um verdadeiro filho, Gabriel Gonçalves Chilaúle.

Agradeço igualmente aos meus amigos que apoiaram-me em muitos sentidos, nomeadamente: Cléber e Débora Alves (pelo apoio moral e financeiro que me concederam); Oliveira e Angélica Mocuna (que me hospedaram na cidade da Beira durante as aulas); Paula Bambo, Brain Tachiu e Maurício Cigarros que ajudaram na correção linguística; Lino Horácio Chico que prestou um suporte informático. Não deixo de lado os colegas que residem na mesma cidade comigo: Marlene Jamal, Helga Pinto Francisco e Salvador Vatevene.

Para que a lista não seja demasiadamente longa deixo os meus agradecimentos a todos os familiares, amigos, colegas que, direta ou indiretamente, prestaram seu apoio.

A todos, bem-haja, e que Deus Pai os abençoe ricamente.

Palavras-chave

Conflito de género, poligamia, *Niketche*

Resumo

O presente trabalho é uma dissertação que é redigida para culminação do Curso de Mestrado ministrado pela Universidade de Aveiro. O mesmo gravita em torno do tema “Conflitos de Género em *Niketche*, de Paulina Chiziane”. Esta dissertação é composta por uma introdução onde fazemos o lançamento das linhas mestras das abordagens que serão feitas relativamente à poligamia e aos conflitos de género que são latentes em relações conjugais, tanto monogâmicas como poligâmicas, afluindo os aspetos conflituosos que caracterizam a convivência homem / mulher desde os primórdios da existência humana. Uma problematização e alguns subsídios concatenados à relevância e à atualidade do tema. Um desenvolvimento composto por dois capítulos: no primeiro capítulo, fazemos a Fundamentação Teórica com as ideias de vários autores relativamente à poligamia, concretamente: a poligamia em contraste com a monogamia, a origem, as causas, as consequências e, em última instância, as possíveis vantagens da poligamia. No segundo capítulo apresentamos os Conflitos de Género encontrados em algumas passagens de *Niketche*, onde desenha-se um drama muito complicado para as mulheres que possuem a obrigatoriedade de viver em relações poligâmicas, sofrendo desprezo, abandono e solidão perante um olhar inerte da sociedade. Finalmente, apresentamos a conclusão onde fazemos as ilações finais relativamente ao tema e as abordagens feitas durante o desenvolvimento, e terminamos com a bibliografia.

Keywords

Gender conflict, polygamy, *Niketche*.

Abstract

The present work is a dissertation for Master Degree at Aveiro University. It deals with gender conflicts in *Niketche* from Paulina Chiziane. This dissertation is composed of an introduction where we provide the main approach lines that will be discussed in relation with the polygamy and gender conflicts that are latent in monogamous and mainly in polygamous conjugal relations looking at the conflicting aspects that characterize the man/ woman companionship since the beginning of the human existence. There is a statement of the problem and some aspects related with the relevance of the topic to the present days. The development consists of two chapters: in chapter one, we present the literature review where we provide different ideas from different authors about polygamy, mainly the polygamy and contrast with monogamy, the origin, causes, consequences and at last the possible advantages of polygamy. In chapter two, we present the Gender Conflicts found in some passages of *Niketche*, where is drawn a very complicated drama for women who are forced to live in polygamous relations suffering from scorn, abandonment and loneliness without any reaction from the society. Finally, we present the conclusion in which there are the final remarks of the topic and what was discussed in the work followed by the bibliography.

ÍNDICE

1 – INTRODUÇÃO	9
1.1 – Problematização	18
1.2 – Que argumentos são usados na defesa da poligamia?.....	20
1.3 – Relevância e atualidade do tema.....	25
CAPÍTULO I.....	29
1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
1.1 – Monogamia versus Poligamia.....	30
1.2 – A origem da poligamia	33
1.3 – Causas da poligamia entre os Nyanja e Yao.....	37
1.4 – Possíveis vantagens da poligamia entre os Nyanja e Yao	37
1.5 – Consequências da poligamia entre os Nyanja e Yao	38
1.6 – Consequências gerais da poligamia	39
1.7 – Argumentos favoráveis à poligamia:.....	40
1.8 – Argumentos contrários à poligamia	41
1.9 – Qual deve ser a atitude dos governos e das missões para com este costume	41
CAPÍTULO II.....	42
1 – CONFLITOS DE GÊNERO EM <i>NIKETCHE</i> , DE PAULINA CHIZIANE	42
1.1 – SITUAÇÃO INICIAL.....	43
1.2 CONSEQUÊNCIAS DA POLIGAMIA NA ÓPTICA DE RAMI.....	44
III – CONCLUSÃO	56
BIBLIOGRAFIA	61

1 – INTRODUÇÃO

A poligamia é uma questão bastante preocupante no seio de muitas famílias africanas, de uma forma geral, e das famílias moçambicanas em particular. Em vários contextos, as pessoas vivem em situação de poligamia, tanto em termos oficiais, como não oficiais. Como tal, tratando-se de um ato em que só o homem tem o privilégio de ser polígamo, as mulheres acabam sentindo-se discriminadas.

Na atualidade, em vários domínios, as questões de género têm sido debatidas de forma profunda. Reconhece-se que, no que diz respeito às diferenças homem / mulher, muita coisa precisa ser feita, analisada e estudada, com a finalidade de tornar fácil e agradável o convívio social da espécie humana, especialmente nas relações conjugais.

Desde os primórdios da raça humana, a relação homem / mulher apresenta-se complicada. Em cada sociedade, existem questões que podem causar rivalidades, tornando a convivência conflituosa, pois os conflitos entre o género masculino e o feminino chegam a atingir proporções alarmantes.

A conflituosidade verifica-se mesmo em relações conjugais monogâmicas, onde cada casal nota algumas contrariedades que, muitas vezes, complicam a relação. Assim sendo, como era de se esperar, em relações conjugais poligâmicas, as rivalidades e os conflitos agudizam-se.

É importante referenciar que, quando os casamentos são de índole poligâmica, a orientação conflituosa aumenta como mencionamos no parágrafo anterior. Desta feita, podemos encontrar o conflito homem/mulher ou mulher/homem e conflito mulher/mulher. Estes choques afetam negativamente a vida da família.

Estas abordagens são relevantes numa altura em que, à escala internacional, fala-se da emancipação da mulher, que se consolida com a eclosão de vários movimentos feministas cujos ideais gravitam em torno da busca da igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres, numa sociedade com o androcentrismo enraizado.

Geralmente, quando os homens não se assumem publicamente como polígamos, possuem relacionamentos extraconjugais, que originam famílias que são tratadas com a mesma dignidade da família assumida, roubando, desta feita, a atenção do polígamo. Aliás, estas relações evoluem, alcançando o estatuto de uma segunda família.

Existem homens que colocam duas ou mais mulheres na mesma residência; desta maneira, os problemas e os conflitos são inevitáveis, porque se vive uma série de rivalidades, conflitos e competição relativamente à divisão dos bens familiares e dos mecanismos do funcionamento de uma família considerada normal.

É imperioso sublinhar que, em algumas regiões de Moçambique e de outros países do continente africano, é a própria sociedade que aconselha o homem a possuir várias esposas, alegadamente porque, em termos numéricos, as mulheres são muitas em relação aos homens; por isso, um homem precisa e deve casar com tantas mulheres, para evitar que algumas permaneçam solteiras. É preciso frisar que estes pensamentos não possuem nenhuma fundamentação de cunho ou carácter científico.

A poligamia é, comprovadamente, uma das grandes problemáticas que emergem das sociedades em ascensão, em termos económicos. Estas sociedades associam os problemas antropológicos, nomeadamente conflitos tribais e étnicos, aos problemas de natureza conjugal, vindos de relações poligâmicas.

Estas questões são exacerbadas pelo facto de Moçambique ser um país multicultural. Pode-se dizer que, em algumas regiões de Moçambique, as questões de tribalismo e regionalismo ainda não foram ultrapassadas. Como tal, isso é cada vez mais difícil quando associado aos conflitos trazidos pela poligamia.

Em diversas culturas, há questões que nunca convergem, isto é, há coisas que numa cultura são admissíveis e noutra não. Só para elucidar, apresentamos de seguida a questão do *lobolo*, claramente enraizada nas regiões sul e centro do país, porém, não comum na zona norte. Aliado a isto, vem a poligamia que também divide opiniões.

Por causa do *lobolo*, nas regiões onde este é praticado, o homem pode possuir tantas mulheres quantas quiser, desde que pague os respetivos dotes. Este cenário favorece a discriminação a que estão sujeitas muitas mulheres, tratando-se de um contexto em que se vive o androcentrismo. A mulher é tratada como sendo um objeto adquirido por compra.

Neste caso, o que paira na mente do homem é a mentalidade de pertença, isto é, se ele paga para adquirir uma mulher, então poderá tratá-la da maneira que achar conveniente dependendo do valor da sua aquisição.

Por isso, constatamos, tristemente, que alguns comportamentos discriminatórios demonstrados pelos homens aparecem embutidos na modalidade como tem lugar o convívio social, através de práticas sociais aceitáveis de forma comum. Tal é o caso do *lobolo* e do levirato. Com isto, não será de espantar o facto de a luta pela equidade de género tornar-se difícil, uma vez que até certas mulheres favorecem a discriminação.

Quer as sociedades assumam a poligamia, quer não o façam, as causas precisam de ser compreendidas e as consequências analisadas de forma afincada, com a finalidade de dar um contributo que seja proveitoso para a sociedade em causa.

Se a poligamia é legal ou não, pouco ou nada importa, porém, as consequências são bastante notórias. Afetam de forma bem drásticas vários níveis das sociedades em causa, consequências essas que vão desde famílias destruídas até divórcios exacerbados.

As brigas são inevitáveis, as contradições são inacabáveis, vive-se num clima de tensão constante. É importante considerar que raras vezes se encontra um relativo equilíbrio, evitando-se conflitos. Com isso, queremos mencionar o facto de algumas famílias acreditarem ou pensarem que encontram-se estáveis mesmo estando numa situação de poligamia, com uma assustadora normalidade, sem, por isso, minimizar os possíveis e iminentes conflitos que são inerentes às relações conjugais poligâmicas. Portanto, isto pode ser uma realidade ou simplesmente uma verdadeira utopia, resultante de um conformismo originado pelo facto de não haver nenhuma saída.

Em alguns países, a poligamia é vista como uma autêntica violência contra os direitos humanos, porque propicia relações conflituosas que às vezes culminam em envenenamento e homicídios.

Em contexto de poligamia, a inexistência de conflitos em alguma relação é considerada exceção, porque a vida humana é conflituosa por natureza, e muito mais em casos em que se deve partilhar, tal é o caso de um marido ou mesmo de uma esposa, sendo este último considerado extremo.

Desta forma, surge o tema que norteia a presente dissertação: os conflitos de género no contexto de uma relação conjugal poligâmica em *Niketche* de Paulina Chiziane, pretendendo, de forma clara, a partir de uma história de ficção, trazer ou contextualizar as situações da vida real, aspetos que são aplicáveis às vivências do quotidiano.

Entendemos que o enredo que nos é narrado em *Niketche* reflete um panorama real, uma situação que é notada nas vivências diárias de mulheres em contextos de poligamia. Numa relação conjugal, existem várias dificuldades e enormes conflitos. Essas situações agravam-se em relações conjugais poligâmicas.

Na impossibilidade de aflorar todos os conflitos que podem ser registados numa relação conjugal poligâmica, para este estudo, analisamos apenas os conflitos de género com base em referências a que tivemos acesso, tanto de obras bibliográficas, como de alguns fenómenos reais que diariamente testemunhamos, e várias facetas, retiradas de depoimentos das pessoas que convivem com este facto.

Apesar de a obra que serve de base para esta abordagem ser uma narrativa de ficção, os elementos que nela são trazidos constituem uma demonstração clara do que tem acontecido no quotidiano de muitos moçambicanos. A protagonista simboliza a mulher moçambicana que sofre e conserva o silêncio para evitar o pior.

Aquilo que analisamos na obra constitui a história de vida de várias famílias; aliás, é oportuno inferir que o dilema enfrentado pela personagem – narradora é típico das mulheres que vivem em relações poligâmicas.

É importante reconhecer que este tema se torna cada vez mais relevante num momento em que à escala internacional as opiniões convergem na chamada equidade de género que, teoricamente, traduz-se na igualdade de direitos e de oportunidade entre os Homens, principalmente entre o homem e a mulher. Neste raciocínio, podemos aflorar dois aspetos importantíssimos no que tange aos assuntos de género.

O primeiro está intimamente ligado ao facto de, na maior parte dos casos, sempre que estamos perante a poligamia, quem sai em desvantagem é a figura feminina, que, a cada dia, deve lutar e desafiar uma tradição ou costume já enraizado no seio das sociedades que concedem um privilégio enorme ao homem. Estamos perante um verdadeiro androcentrismo, e machismo, pois a sociedade gira em torno do homem-macho, das suas necessidades e da sua satisfação.

O segundo aspeto tem que ver com o facto de, em muitas sociedades, onde a poligamia é praticada, só beneficiar o homem, isto é, só o homem pode ser polígamo e a mulher não. Este posicionamento já é discriminatório. E se a poligamia é boa, por que razão é permitida só aos homens? Isto é um indício de um machismo generalizado que apoqueta muitas sociedades da atualidade.

Facto curioso é que na República de Moçambique, por exemplo, em várias regiões, a poligamia é bastante praticada, só que, em termos legais, não existe nenhum dispositivo que autorize, muito menos, que proíba esta prática de uma maneira direta.

Rami (personagem-protagonista-narradora) ecoa como sendo porta-voz da situação delicada enfrentada por várias mulheres que, diariamente, colhem os frutos amargos da poligamia. Por falarmos de mulheres, não queremos excluir aqueles homens que também sofrem as consequências desta prática.

Em *Niketché*, Paulina Chiziane traz, de uma forma ficcional, uma história que espelha em grande medida as experiências e vivências das famílias que estão mergulhadas na poligamia. Mais do que ninguém, a escritora, nascida e criada numa região em que a poligamia é profundamente divulgada e praticada, possui subsídios sólidos para a presente abordagem.

Na presente dissertação, pretendemos, de forma genérica, trazer à superfície as reais situações que são vividas em contextos de relações conjugais poligâmicas, podendo-se aventar a possibilidade de desencorajar tal prática.

Há sociedades em que se presume a existência de benefícios oriundos da poligamia, mas uma análise profunda permite concluir que são ilusórios, porque os conflitos de género que são detetados estão em um vasto leque, sendo bastante preocupantes.

Estamos aqui desencadeando uma abordagem socio-literária, trazendo, de forma clara, uma combinação de Literatura, Sociologia e Antropologia, isso tudo feito de uma forma criativa, na perspectiva de fazer uma intervenção social que seja construtiva para as sociedades que encaram este facto.

Os possíveis ganhos que este trabalho trará poderão ser proveitosos para combater, por um lado, os conflitos de género em relações conjugais, por outro lado, a médio e longo prazo, contribuir para a erradicação da poligamia, o que seria um grande ganho para a sociedade moçambicana em particular e africana em geral.

Por mais que existam indivíduos defendendo de forma categórica a poligamia, temos que assumir desde já que, mesmo naquelas sociedades em que a poligamia é recebida com maior naturalidade, não deixa de acarretar consequências danosas para tal sociedade.

Outrossim, em várias situações onde a poligamia ocorre, notabiliza-se duma maneira discriminatória. Admite-se, por exemplo, a poliginia, mas a poliandria é inexistente, quase não se fala dela. Isso deve-se ao facto de tais sociedades serem predominantemente machistas e classicamente patriarcais.

Assim, o supracitado ganha maior clarividência na medida em que todas as análises socialmente feitas em várias comunidades, sejam elas tradicionais ou mesmo modernas, até mesmo em grupos religiosos, quer em África quer na Ásia e em outros continentes, demonstram que o homem sai sempre em vantagem em relação à mulher. Senão vejamos: é o homem quem manda, é o homem quem dirige, é o homem quem deve monitorar tudo; em suma, as sociedades patrilineares

gravitam em torno do homem que é o centro e o pilar das comunidades.

Um exemplo elucidativo é o facto de a poligínia ser “universalmente aceite” ao passo que a poliandria é de uma maneira geral chocante e tecnicamente inadmissível. Como viemos defendendo neste trabalho, isto recai necessariamente no pressuposto segundo o qual a vida da mulher deve ser mais controlada e regrada, contrariamente ao homem que é mais relaxado, chegando a ter até atitudes promíscuas, diante do olhar impávido da sociedade.

Mesmo em casos de delitos sexuais, o perdão é relativamente fácil quando se trata de um homem, em relação aos praticados por mulheres. Só para elucidar, uma mulher, quando trai ao marido, pode estar a dissociar o seu lar, mas o contrário é ponderado, e concede-se o perdão. Neste caso, a mulher encontra-se em um constante desconforto perante todas as atrocidades que lhe são concedidas pela sociedade.

O acima referido demonstra o quão privilegiada tem sido a figura masculina, que tem vantagens em vários aspetos da vida social, desde os aspectos mais simples até aos mais complexos. A tomada de decisões importantes precisa sempre dum homem. Mesmo em questões alimentares, o homem tem sempre alguma exclusividade que até certo ponto é discriminatória.

Estamos cientes que esta abordagem incide sobre questões milenares que já estão enraizadas nas práticas populares desde a fase dos patriarcas. Passivamente, as crianças já vêm assimilando hábitos discriminatórios em pequenos gestos, tal é o caso da existência de atividades exclusivamente masculinas e outras femininas.

Os conflitos e as rivalidades de género aparecem muitas vezes interligados à natureza discriminatória, com a qual as sociedades relacionam-se com a figura feminina. Aliás, o homem foi e é considerado superior em relação à mulher; por isso, ele tem um comportamento matrimonial deliberadamente aberto em relação à mulher.

Quando um homem possui várias mulheres, é considerado de maior virilidade, o que não se verifica quando se trata de uma mulher que possui vários homens,

podendo ser considerada de má vida ou simplesmente prostituta.

Como se pode verificar, a dissertação obedece à estrutura clássica: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Pretendemos trazer os principais conflitos que são enfrentados em relações conjugais poligâmicas, podendo ser conflitos homem – mulher e conflito mulher – mulher quando se encontram a partilhar o mesmo homem.

Estamos convictos que a obra que é analisada nesta dissertação espelha de uma maneira impar os aspectos que julgamos importantes para o tema em estudo. Em *Niketche*, Paulina Chiziane faz uma radiografia da realidade encarada por muitas famílias. São situações que se têm repercutido negativamente na vida das famílias.

É muito importante referenciar que os resultados serão de vital importância para uma possível aprovação de algum dispositivo legal que regule o funcionamento das relações conjugais. Por exemplo, a aprovação duma lei contra a poligamia, que seria bem-vinda para muitas famílias.

O desenvolvimento da dissertação está dividido em dois capítulos.

O primeiro capítulo, que tem como tema “Fundamentação Teórica”, está inteiramente dedicado à apresentação de um leque de informações extraídas das abordagens de vários autores sobre o tema em estudo. É uma parte reservada para aludir ao que já foi escrito sobre a matéria em estudo, numa perspetiva social, literária e antropológica, com o objetivo de perceber a veracidade dos factos.

O segundo capítulo dedica toda a atenção à análise e interpretação de dados, concretamente de alguns trechos retirados de *Niketche*, obra de Paulina Chiziane, que apresenta uma grande história da poligamia. Após as citações, fazemos uma análise crítica de cada trecho, para fundamentar, de maneira coerente e eficaz, o assunto em abordagem.

Não menos importante é a conclusão, onde apresentamos, não só as conclusões e as ilações finais sobre o tema abordado na dissertação, mas também, algumas sugestões sobre o mesmo. Nesta fase final, apresentamos os pontos culminantes do

presente estudo.

Desta maneira, consideram-se lançados os aspetos iniciais e os estímulos motivadores que estão no cerne do presente trabalho, que constitui uma aventura trazendo pressupostos literários e antropológicos ligados à poligamia.

1.1 – Problematização

Tanto na Constituição Geral da República de Moçambique, como em outros instrumentos legais internacionais, como a Convenção para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, a igualdade entre homens e mulheres vem consagrada sem equívocos. Assim, são inadmissíveis todos os discursos e atos que vão contra este princípio de igualdade e de não discriminação, sendo desta maneira considerados inconstitucionais.

Desta maneira, apesar de em vários fóruns afirmar-se categoricamente a poligamia como meramente africana, não existe nenhum dispositivo legal que a legitime, mas a sua ocorrência é notória. Esta prática é considerada um forte vetor disseminador da discriminação e da exploração da mulher.

A Lei da Família cumpre o papel de aflorar aspectos que regem o Direito de Família, com equidade, com justiça, respeitando os valores e as culturas de cada um e os direitos humanos. Nesta lei, em nenhum momento está autorizada a poligamia. Há uma omissão, porque a poligamia nem é aceite e muito menos negada. Seria importante que a lei tomasse alguma postura face a isto. Ou legitimamos a poligamia ou a vedamos definitivamente.

Uma coisa é certa: diariamente assiste-se aos conflitos de género que emanam de relações conjugais poligâmicas. Apesar de um aval marcadamente cultural, é inaceitável que em nome da cultura, ou então da tradição ancestral, continue-se a perpetuar comportamentos e atitudes condenáveis na senda dos Direitos Humanos, por estratificarem as pessoas.

Tendo em vista as discussões havidas na Assembleia da República de Moçambique, vale a pena destacar a relação entre a Lei da Família, a Constituição

Geral da República e os direitos culturais e religiosos. Até porque muitos argumentos a favor da poligamia assentam na afirmação de que ela faz parte da cultura moçambicana e africana. Muitos comentaristas assumem a poligamia como sendo profundamente africana em geral e moçambicana em particular, tendo esta tradição iniciado na época dos Ngungunhanas, Maguiguanas, Mwenemutapas e até aos outros reis subsequentes nos antigos reinos africanos.

Mas será que a cultura é estática e imutável? Será que a cultura deve permanecer inalterável? A cultura não pode aceitar novas configurações, por forma a se adequar às novas demandas sociais? Por que razões não podemos aceitar algumas mudanças que podem melhorar a situação dos direitos humanos em Moçambique, em nome de uma cultura que se imagina fixa no tempo? Na verdade, no que tange às mudanças, a questão dos casamentos precisa ser revista e legislada.

Isto não significa que a preservação das nossas culturas (a dita cultura africana considerada poligâmica) e das nossas religiões (como a religião islâmica que admite aos seus adeptos a prática da poligamia) seja um imperativo categórico, isto é, algo imprescindível, mas há necessidade de fazer certos questionamentos e acolher certas mudanças. Não se pode com isso perceber uma atitude reducionista em relação à cultura e à religião, mas simplesmente uma dúvida metódica para permitir um franco desenvolvimento. Aliás, tanto a cultura como a religião são preponderantes na constituição da identidade das pessoas dentro de um determinado país, ajudam a amainar os ânimos atribuindo uma certa carga moral às pessoas.

Entretanto, se no ato da valorização das nossas convicções culturais e religiosas atropelamos os direitos humanos dos cidadãos, sejam femininos, masculinos, crianças, jovens ou idosos, alguma coisa precisa de ser feita, na tentativa de salvaguardar os direitos humanos dentro de cada cultura. Assim sendo, as nossas culturas e as nossas religiões devem ser libertadoras de energias e de criatividade e não devem ser manipuladas para oprimir e subjugar as camadas carenciadas.

Diga-se de passagem que muita gente usa a cultura e a religião para acomodar os seus interesses poligâmicos. Grande parte dos polígamos apoia as suas decisões e as

suas opções matrimoniais em questões culturais, ou mesmo religiosas, que legitimam a poligamia.

1.2 – Que argumentos são usados na defesa da poligamia?¹

Vale a pena passar em revista os argumentos usados pelos deputados e pelas deputadas que defenderam a legalização da poligamia, analisando a sua lógica. Assim, tomemos cada um deles e apresentemo-los segundo uma grelha que considera duas dimensões: (1) a identificação do problema; (2) porque é que o reconhecimento do casamento poligâmico pode representar uma solução. Este foi o resultado:

Problema: Algumas mulheres, por qualquer motivo, não podem ter filhos.

Solução: A poligamia permite ao homem ter uma segunda mulher capaz de conceber e de dar filhos.

Este argumento tem sido bastante usado, mas tudo indica que é bastante incipiente, porque, se as pessoas se casam por amor, quer tenham filhos, quer não os tenham, terão estabilidade suficiente para suportar mesmo a inexistência de filhos. Este posicionamento também espelha o machismo, num acentuado nível, por uma razão muito simples: para começar, em várias comunidades, quando o casal não consegue ter filhos, a culpa tem sido imputada à mulher e nunca ao homem.

Se a preocupação é fazer ou não filhos, a questão que fica em aberto é: por que razão essa exceção não é colocada quando é o homem que não faz filhos? Talvez fosse necessário permitir que a mulher se casasse para ter filhos, mas o fundo da questão não é este. É um posicionamento baseado no machismo, o que não é correto.

Problema: Algumas mulheres não conseguem ter vontade regular de cumprir com as suas obrigações conjugais e o homem "sofre".

Solução: Uma segunda esposa permite que a primeira tenha mais descanso, sem que isso prejudique o homem.

¹ Retirado do site da WLSA: Mulher e Lei na África Austral. Acessado no dia 20/07/2013 às 12hrs e 44minutos

Problema: Há homens, como por exemplo, os mineiros, que viajam constantemente e passam muito tempo fora de casa, longe das mulheres.

Solução: A poligamia permite-lhes ter outras esposas.

Problema: As mulheres têm muito trabalho doméstico.

Solução: Num casamento poligâmico as mulheres apoiam-se muito umas às outras e nos cuidados com as crianças.

Problema: Existe muita prostituição e “mães solteiras” nas nossas sociedades.

Solução: A poligamia ajuda a diminuir a prostituição e o fenómeno das mães solteiras.

Problema: O casamento monogâmico defendido na proposta de Lei da Família é estrangeiro e ocidental.

Solução: A poligamia é uma tradição moçambicana e africana; é uma prática "natural".

Problema: Se uma Lei da Família só considera o casamento monogâmico, está-se a "atirar para a prostituição" as mulheres que actualmente são as segundas ou terceiras esposas.

Solução: Legalize-se o casamento poligâmico.

Como se pode analisar, todos os argumentos acima citados, que foram apresentados pelos parlamentares, não possuem uma boa base de fundamentação, uma vez que consistem na procura de um meio-termo para resolver as situações que têm várias origens.

Duma maneira clara, as ideias acima apresentadas são visões estereotipadas do fenómeno casamento monogâmico, construções numa sociedade marcadamente machista e poligâmica. Pese embora o facto de serem discursos construídos por parlamentares, não espelham o desejável no que tange ao convívio entre homens e mulheres, por mais que se assuma a poligamia como sendo uma questão cultural e tradicional, isto é, o manancial recebido dos ancestrais e que precisa ser copiosamente imitado pelas atuais gerações. Entretanto, apesar de a poligamia ser cultural ou então

hereditária, não deixa de lado o impacto negativo que esta prática traz para a sociedade.

Como se pode constatar, estes argumentos são formulados tendo em vista exclusivamente os interesses, as necessidades e as expectativas dos homens, mas representam um verdadeiro atropelo aos direitos humanos das mulheres. Aqui nota-se mais uma recaída machista por parte dos parlamentares.

Não se referem aos direitos humanos de forma abstrata, generalista, mas a coisas tão simples e vitais como o direito de as mulheres serem respeitadas e ouvidas dentro da família, com direitos e oportunidades iguais aos dos homens, a terem voz nas principais decisões familiares. As mulheres querem participar nas questões e discussões que afetam a vida de todos, de forma a que, juntamente com o marido, possam decidir a vida do casal e dos respetivos descendentes.

Quando o marido está ausente, a mulher fica totalmente desamparada, e toma pessoalmente as decisões ligadas à família. A mulher é a chefe de família desempenha cumulativamente os papéis de homem (pai) e de mulher (mãe). Uma família estável precisa de uma estrutura saudável para permitir que os filhos cresçam num ambiente de amor, harmonia e boa educação.

Na ausência do marido, a esposa deve gerir tudo sozinha, e numa dada altura acaba semeando amargura no coração dos filhos. As crianças que crescem em ambientes de poligamia têm uma certa aversão em relação à figura masculina, principalmente a paterna.

É útil referenciar que, muitas das vezes, as propostas de legalizar a poligamia vêm atentar contra estes direitos básicos das mulheres, porque sempre que se fala de legitimar estas práticas é numa perspetiva de inocentar o homem das suas práticas, muitas vezes consideradas imorais ou contraditórias, relativamente às normas de conduta social. Contrariamente ao que aparenta ser, o pensamento que os deputados defendiam sobre a poligamia não trata “simplesmente” de incluir na Lei o reconhecimento do casamento poligâmico.

Vejam-se algumas questões legais básicas ligadas à poligamia²:

O estatuto conjugal na comunhão unilateral (ou decorrente do casamento monogâmico) passa, no casamento poligâmico, a ter um estatuto genérico do grupo que é representado pelo marido.

A unidade existente não é do casal, mas do grupo familiar, liderado por um chefe, que é o marido, mesmo se, algumas vezes, uma das mulheres, normalmente a mais velha, tem poderes de decisão. Tanto num caso como noutro, há violação de princípios, nomeadamente o da igualdade perante a lei e o da igualdade entre cidadãos.

A decisão de opção deste estatuto conjugal é apenas do marido: é este quem decide ter várias mulheres e nunca o contrário. A declaração unilateral do marido é imposta às esposas ou, na melhor das hipóteses, é concretizada através de negociações com algumas delas.

Estas esposas nunca poderão queixar-se ou reivindicar o divórcio que, neste caso, nunca poderá existir. Não poderá sequer existir também presunção por parte da mulher na determinação da natureza do seu próprio casamento, ou seja, não há intervenção da sua vontade na escolha do seu estatuto matrimonial.

Quanto aos bens, coloca-se o problema de propriedade, da sua gestão e repartição que será manifestamente desigual com as mulheres, mesmo com a mais velha. Esta propriedade, repartição e gestão, nunca será de consenso ou de comum acordo dos membros desta união conjugal, o que é facilitado numa união monogâmica.

Numa união poligâmica não existe solidariedade conjugal e, quando ela se verifica, é reduzida à dependência dos membros ao chefe de família.

Dever de colaboração, moral ou material, e o de contribuição nas despesas domésticas correm o risco de ser transformados nos elementos de submissão das mulheres a novas formas de dependência ao chefe de família.

² Retirado do site da WLSA: Mulher e Lei na África Austral. Acessado no dia 20/07/2013 às 12hrs e 44minutos

Ao contrário do que acontece com o casamento monogâmico, numa união poligâmica não existirá definição clara dos direitos e deveres recíprocos dos cônjuges, designadamente o dever de fidelidade, de coabitação e de colaboração entre eles.

Não se pode deixar de comentar algumas ideias feitas sobre a poligamia, que servem de pressupostos à maioria das intervenções favoráveis à sua legalização por uma lei ou decreto legal.

Estas tentativas mostram uma relativa preocupação no que diz respeito à poligamia. Até os deputados já mostram alguma preocupação relativamente ao assunto em análise.

A primeira ideia que pode ser afluída é a seguinte: o casamento poligâmico é uma prática hegemónica nas sociedades moçambicanas, sobretudo em zonas rurais. Com efeito, nada é tão distante da realidade, quer nas zonas rurais, quer nas urbanas, porque a poligamia é uma prática que tem vindo a diminuir sistematicamente nas zonas urbanas talvez pelo aumento do custo de vida.

É também voz corrente que a poligamia só é mal vista e pouco aceitável nas cidades. No campo, diz-se, as mulheres gostam de viver em casamentos poligâmicos, por terem ajuda nos trabalhos domésticos, nos serviços sexuais que prestam ao marido, no cuidado com as crianças. Talvez isto seja verdade para algumas, mas não aceitamos que se fale nas “mulheres rurais” como um todo.

Há evidências mais do que visíveis, de cidadãs, na cidade e no campo, que se lamentam da falta de direitos por serem segundas ou terceiras esposas. O recente processo de discussões que as Organizações Não Governamentais femininas, isto é, que trabalham diretamente com a questão da mulher, organizaram no quadro da divulgação da anteproposta e da proposta da Lei da Família, comprovou este aspeto.

Merecem também ser citados os depoimentos de alguns cidadãos que nasceram de uniões polígamas, e que se revoltam claramente contra esta prática. Ao invés de terem crescido numa grande e animada família cheia de crianças, alegam que, na sua

infância, sofreram tratamento diferenciado entre irmãos e que, até hoje, têm traumas por causa dessa situação.

Para concluir, recordamos que, se não quisermos fazer passar disposições inconstitucionais na Lei da Família, temos somente duas opções:

- Aprovamos a possibilidade de um homem poder ter várias esposas e de uma mulher poder ter vários maridos; nesta ordem de ideias, é fundamental definir as responsabilidades, os direitos e os deveres de cada um.
- Aprovamos a possibilidade de se inibir todas as probabilidades de poligamia, tanto para homens como para mulheres, que pode ser uma alternativa menos polêmica comparativamente à anterior.

1.3 – Relevância e atualidade do tema

O tema que sustenta o presente trabalho é de extrema importância, na medida em que servirá de ferramenta para uma abordagem acadêmica da questão da poligamia. No continente africano em geral e na República de Moçambique em particular, a poligamia tem sido considerada algo cultural. Neste contexto, a poligamia é comumente aceitável na sociedade moçambicana, que se afigura machista por definição.

No entanto, a poliandria, outra espécie de poligamia, é praticamente inaceitável por parte da sociedade em referência, devido a alguns preconceitos em relação à figura feminina. A mulher é sempre votada ao esquecimento, não tem os mesmos direitos comparativamente ao homem.

Apesar de a poligamia ser admissível, as consequências adjacentes a esta prática são inevitáveis e têm trazido enormes danos para toda a sociedade, que diariamente vê os seus membros envolvidos em situações desastrosas, provocadas pela poligamia nas suas mais diversas manifestações.

Pouca coisa existe escrita, falando da questão da poligamia, sobretudo do impacto negativo que este ato controverso traz para uma família, que sente a falta de um pai em virtude deste ter saído para constituir uma nova família abdicando totalmente da família de origem.

Existem casos, em que certos homens “põem” no mesmo quintal, ou na mesma residência, mais de duas esposas, o que faz com que os conflitos não cessem. Os conflitos têm-se propagado de uma maneira bem profunda; aliás, as brigas são incessantes. Muitas famílias entram em colapso quando um homem acumula mais de uma mulher no mesmo recinto, trazendo inúmeras consequências para as famílias.

Vários casos e problemas conjugais têm sido provocados por ciúmes, cujos resultados são bastante desastrosos. Estamos neste caso a falar de envenenamentos, espancamentos e outras modalidades de violência doméstica e até homicídios.

Nesta perspectiva de análise, é de salientar que há uma forte necessidade de ser desencadeada uma pesquisa falando deste fenómeno social, que carece de uma abordagem bem profunda, para avançar algumas ideias que podem solucionar a questão dos erros que culminam em conflitos de género.

A poligamia não é uma questão que afeta certa camada social, porque em quase todos os grupos sociais e económicos encontramos pessoas que vivem maritalmente com mais de uma esposa.

Algumas religiões de origem asiática admitem a poligamia, conquanto que haja um tratamento igual para todas as mulheres que partilham o mesmo homem. Todavia, rara ou impossivelmente ocorre esta justiça, daí que quase todos os polígamos respondam pelo crime de tratamento desigual concedido às esposas.

Em certas regiões de Moçambique, diga-se de passagem, a poligamia é “obrigatória”, porque, não poucas vezes, acompanham-se depoimentos de jovens que estão envolvidos em relações conjugais poligâmicas para responder à pressão social, evitando, neste caso, a exclusão social e familiar.

Como já foi abordado em parágrafos anteriores, a poligamia é aceite, mas ninguém se dignou ainda estudar o impacto negativo que ela tem trazido para os filhos que são gerados no contexto de relações conjugais poligâmicas. Estudar de uma maneira aprofundada os conflitos de género que são verificados numa relação conjugal poligâmica, poderá ajudar em dois sentidos.

- Primeiro: a fazer com que as pessoas sintam-se desencorajadas a envolver-se em relações conjugais poligâmicas;
- Segundo: ajudará a constatar as principais causas que estão na origem dos conflitos de género que são reportados; desta feita as pessoas evitarão cometer os erros que provocam tais conflitos.

A dissertação torna-se cada vez mais interessante, na medida em que estuda a espinha dorsal daquilo que são os maiores problemas enfrentados na maior parte das relações conjugais onde se encontram mais de dois cônjuges. O que de princípio apresenta uma certa dose de contrassenso.

Tratando-se de uma relação conjugal, é muito bom que as relações de intimidade sejam bem definidas para permitir que haja maior proteção, comodidade e conforto, tanto dos cônjuges, como dos descendentes que serão o fruto desta relação.

Muitas vezes, quando os homens se envolvem em relações poligâmicas, abdicam das suas responsabilidades, não só no sustento financeiro da família, mas também na educação moral e social dos filhos.

Dentro do contexto acima descrito, pode encontrar-se uma situação bastante complicada, porque, nesta ordem de ideias, existem homens que são “compartilhados” por mais de três mulheres, o que é realmente complicado. É impossível que alguém seja pai presente para mais de uma família. Deste modo, é deveras impossível que os conflitos de género sejam evitáveis.

O desenvolvimento de uma sociedade passa, necessariamente, pelo respeito, não só dos direitos humanos, mas também das culturas inerentes a cada comunidade. Em algumas comunidades da Europa, da América, da Ásia, da África, entre outras, são ainda notórias algumas diferenças nas relações entre indivíduos de géneros opostos, diferenças essas que são influenciadas, muitas das vezes, por hábitos e costumes peculiares de cada povo.

Apesar de existir intercâmbio entre as culturas, exercendo-se influência mútua entre elas por circunstâncias externas, há que salientar que o cunho cultural é muito forte no

que concerne à influência no indivíduo.

Moçambique não está alheio ao dinamismo que vem se verificando em vários cantos do globo terrestre, por isso, há uma grande necessidade de empreender uma pesquisa voltada ao conhecimento das situações ligadas ao género, concretamente em relação aos conflitos de género em vários níveis: homem/homem; homem/mulher; mulher/mulher.

O tema que constitui o título da dissertação é deveras atual visto que a poligamia afeta em grande escala a sociedade africana em geral e a moçambicana em particular.

Assim, este trabalho poderá ser usado como instrumento para estudar os principais conflitos de género, analisar as causas e identificar as possíveis soluções para o problema que é levantado. Acredita-se que o mesmo será útil para as pessoas que se dignarem em trilhar os caminhos da literatura, procurando analisar assuntos ligados à poligamia.

CAPÍTULO I

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está reservado a algumas alusões ligadas aos vários autores que se debruçaram sobre o assunto em questão, isto é, sobre a poligamia e muitos aspetos ligados a este mal de que enferma grosso número de famílias moçambicanas.

Assim, todas as abordagens concatenadas à poligamia devem ser feitas em estrita ligação com a monogamia, que é o primeiro lado a ser analisado em matéria de matrimónio.

1.1 – Monogamia versus Poligamia

Curiosamente, muitos autores consideram estes dois termos mutuamente excludentes, como sendo dois tipos de casamento; tal é o caso do extrato abaixo:

A monogamia (do grego *mono* “único” *gamia* “união matrimónio) tal como a conhecemos legalmente está longe de ser universal. De facto, numerosos povos praticam a poligamia, ou seja, os seus membros partilham vários cônjuges autorizados. Porém, a poligamia subdivide-se em duas práticas distintas: a poliginia e a poliandria.

A Poligamia (do grego *poli* “várias” mais *gino* “mulher”) bastante comum entre os povos, designadamente entre os indivíduos de cultura islâmica, consiste no facto de um homem ter várias esposas (ou várias mulheres partilharem entre elas o mesmo homem, formulação que depende do ponto de vista do locutor ou do autor em causa), e de ser admitido legalmente em determinada sociedade.

A poliandria (igualmente do grego *poli* “vários” mais *andro* “homem”), género certamente menos comum que a monogamia e a poligamia, mas bem real, apresenta a característica inversa, ou seja, consiste no facto de uma mulher dispor de vários maridos (ou vários homens partilharem a mesma mulher) (Santos, 2002: 151).

Apesar de inúmeras vezes a questão da poligamia ser considerada puramente africana, a origem etimológica da palavra, retirada do grego, pode ajudar-nos a compreender que a poligamia não é um assunto novo, é algo que vem se arrastando pelos tempos, desde a antiguidade grega até aos nossos dias.

O ser humano é reconhecidamente excessivo, conhecido com a sua tendência aos excessos, o exemplo disso é o politeísmo que caracteriza a mente grega, egípcia, entre outras. Nas relações matrimoniais, também se verificam excessos. Aliás, mesmo na atualidade, mesmo que as pessoas não tenham coragem de assumir publicamente, muitas pessoas estão envolvidas em várias situações.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), **Monogamia** “é o regime ou costume em que é imposto ao homem ou à mulher ter apenas um cônjuge, enquanto se mantiver vigente o seu casamento ou condição de monógamo. **Poligamia** é a união conjugal de uma pessoa com várias outras, ou, costume socialmente aceito em certas sociedades, que permite esse tipo de união. Condição de polígamo”.

Dos conceitos acima pode-se claramente depreender que nalgumas vezes assume-se que a questão da poligamia acaba sendo concebida como muito mais cultural que moral. No entanto, para alguns teóricos, a questão da poligamia extrapola a esfera cultural, alcançando dimensões de imoralidade.

Alguns pensadores afirmam que a poligamia é um mal a ser combatido, uma anomalia, algo que precisa ser combatido com unhas e garras. É quase uma maldade, senão vejamos o abaixo exposto:

Monogamia e poligamia

A hipótese da promiscuidade sexual, aventada pelos evolucionistas, pressupunha a ausência de todas as restrições sobre o número dos parceiros matrimoniais. Tal hipótese surgiu em contraste evidente a norma matrimonial, a qual é restritiva quando limita a um único companheiro, pelo menos, no mesmo período a escolha matrimonial. Por outras palavras, a norma matrimonial sempre defendeu a monogamia como padrão.

A norma restritiva estabelece a monogamia, sistema de união matrimonial de um só homem com uma só mulher, como nos moldes e cânones clássicos.

Do casamento monogâmico, resulta a família monogâmica, que apresenta vários módulos estruturais. Se o vínculo se quebra, mesmo no sistema monogâmico, é possível haver mais parceiros sucessivos.

A norma permissiva estabelece a poligamia, sistema segundo o qual um dos cônjuges pode ter mais parceiros. Se a escolha plural implica mais mulheres, tem-se a poliginia; se implica mais homens, tem-se a poliandria, ou seja, união de uma mulher com mais homens. Do matrimônio poligâmico provém a família poligâmica, com formas e estruturas bastante diversas nas duas possíveis variantes.

A poliginia é certamente a forma mais difundida. Estruturalmente reflecte o módulo monogâmico, no sentido de que se devem realizar tantas cerimónias nupciais quantas as mulheres com quem o marido se casa. Cada mulher constitui uma unidade matrimonial e familiar distinta; distinção que se reconhece na separação das casas, dos campos, das propriedades e dos núcleos familiares mãe-filhos. A poliandria é uma forma bastante rara. (Bernardi, 2007: 304).

Da abordagem de Bernardi acima transcrita podemos retirar o facto de haver um reconhecimento da promiscuidade, como sendo causadora da poligamia, uma vez que casamentos poligâmicos têm a tendência de serem mais abertos, admitindo um leque de coisas que seriam inadmissíveis em casos de monogamia.

De uma maneira direta e profunda, na análise supracitada, toda a cultura, toda a comunidade ou mesmo sociedade que considera a poligamia algo normal pode e deve ser designada promíscua, uma vez que não pugna por princípios e diretrizes de fidelidade. Todo o ser polígamo já se auto-intitula infiel.

É importante inferir que a questão da poligamia é considerada como recorrente, uma vez que quase todas, se não todas as comunidades são monogâmicas por natureza; como tal, a poligamia intrometeu-se mais tarde nas estruturas sociais.

Alguns antropólogos vão mais além, porque chegam a abordar algumas formas de casamentos que chegam a ser bastante estranhas para muitas culturas; estamos a falar de casamentos grupais e concubinagens. Casamentos estes inaceitáveis em várias culturas deste planeta, mas que ainda continuam sendo praticadas em várias delas. Existem até culturas onde irmãos compartilham a mesma esposa, sem a morte de nenhum dos dois. Uma espécie de dualidade conjugal. Confira-se no extrato abaixo:

Estamos tão habituados a pensar no casamento seguindo os nossos próprios conceitos, que é fácil subestimarmos a grande variedade de atitudes que podem

existir nas outras culturas. Os americanos, cujo sentido de moralidade se baseia em crenças judaico-cristãs, dificilmente deixam de sentir que uma sociedade que permite que um indivíduo tenha múltiplas esposas ao mesmo tempo é de algum modo inferior e libertino. Um relato etnológico sobre uma mulher que insista com o marido para que arranje outra mulher nunca deixa de chocar um americano como sendo tão incrível que chega a parecer ridículo. Contudo, os casamentos plurais de várias espécies são largamente espalhados nas sociedades primitivas.

Quando um homem pode ter múltiplas esposas, o costume é denominado poliginia. Mas se é uma mulher que pode ter mais que um marido ao mesmo tempo toma o nome de Poliandria. Em conjunto estes costumes são conhecidos por poligamia. Os antropólogos culturais verificam que a poliginia é mais comum em relação à poliandria.

As esposas de um homem, mesmo no seio de uma cultura, que permite livremente a poliginia, não têm necessariamente igual situação. Mas, vulgarmente, a primeira esposa é encarada como sendo a principal.

Tem uma posição superior às outras, e geralmente tem a seu cargo a direcção da casa em que reside. (Titiev, 2009: 246 e 247)

1.2 – A origem da poligamia

Qual é a origem deste costume entre os Tsongas?

Como se pode constatar, Junodi (1996: 260 – 261) prefere chamar a poligamia como sendo um costume. Como tal, passa-se a parafrasear algumas palavras deste grande antropólogo que fala acerca da poligamia, tentando trazer aquilo que são as causas deste fenómeno que em vários países africanos está sendo uma grande realidade, por incrível que pareça cada vez mais acentuada, cujas consequências são centenas e centenas de crianças que vivem em situação deplorável, uma vez que os pais andam envolvidos em poligamia e já não possuem condição física e financeira para dar vazão ao papel de pai.

Muitas mulheres clamam, em várias partes da África e da Ásia, pela presença dos maridos que as abandonaram e partiram à procura de outras condições de vida. Aliás, a

poligamia na vertente masculina, isto é, aquela que é praticada pelo homem, a saber, a poliginia, tem no fundo causas egoísticas, como, por exemplo, satisfazer as intenções do próprio homem. Salvem-se alguns casos em que é um imperativo familiar e cultural de sociedades machistas em que toda a atenção é dada aos homens, que se presumem detentores da autoridade sobre as mulheres.

A monogamia existiu numa primeira fase em que todas ou quase todas as comunidades eram monogâmicas, no cerne de cada cultura. Por mais machista e polígama que seja uma cultura, existe um resquício de tendência à monogamia; portanto, está claro que, apesar de tudo, a poligamia apareceu mais tarde, pelas seguintes possíveis razões:

Primeira razão: As guerras diminuíram o número de homens, deixando um número maior de mulheres. Como as mulheres não desejavam ficar solteiras, e a tribo queria aproveitá-las o mais possível para aumentar e fortalecer-se, as mulheres solteiras foram tomadas por homens casados, e assim se institui a família poligâmica.

Esta razão tem sido grandemente aproveitada em vários casos, principalmente quando partimos de um pressuposto, segundo o qual, em termos estatísticos, o número de homens é assumidamente menor em relação ao das mulheres; como tal, alguns homens aproveitam-se da brecha para possuírem várias mulheres, na tentativa e no mais profundo desejo de amparar e oferecer dignidade àquelas mulheres que, por uma ou por outra razão, estariam numa situação de desvantagem.

De facto, a poligamia desenvolveu-se consideravelmente aquando das guerras de Ngunguyana. Anualmente, o chefe Nguni preparava expedições contra os seus inimigos, os Copis da costa ao norte da embocadura do Limpopo; os homens eram mortos e as mulheres capturadas, passando cada uma delas a ser a mulher do seu captor.

Nalguns países africanos onde ainda vigoram monarquias, cujas chefias máximas estão a cargo de reis, até aos dias de hoje, os reis praticam uma poligamia que pode até ser considerada “oficial”. A título elucidativo, no Reino da Suazilândia, o atual monarca, o Rei Muswati III, anualmente recebe uma virgem para tê-la por esposa. Quanto mais anos ele viver, mais esposas ele terá. O número de anos em que ele permanecer como monarca é o número de esposas que ele terá.

Mesmo na República de Moçambique, onde, em nenhum momento, algum documento legislativo (Código Cível e Lei da Família) autoriza a poligamia, algumas chefaturas tradicionais (Líderes Comunitários e Régulos) crescem e sobrevivem nas sombras da poligamia, até porque o Estado Moçambicano reconhece tais chefes.

Como foi referenciado no momento da problematização, nada está regulamentado no que tange às relações conjugais poligâmicas, apenas se sabe que muita gente encontra-se envolvida em situações de poligamia.

Segunda razão: As leis de sucessão que regulam a família agnática atual entre os Tsongas, conduzem também à poligamia. Um irmão “herda” a viúva do irmão mais velho, quer seja casado quer não seja. Se a poligamia começou desta maneira, o seu desenvolvimento não é de espantar.

Esta razão é muito saliente quando se pratica o levirato nalgumas sociedades. Por um lado, segundo o dicionário Houaiss (2009), **levirato** – “é costume, observado entre alguns povos primitivos, que obrigava um homem a casar-se com a viúva de seu irmão quando este não deixava descendência masculina (o filho desse casamento era considerado descendente do falecido”.

Por outro lado, na perspectiva do Novo Dicionário Aurélio, **Levirato** – “prática socialmente institucionalizada do casamento de uma viúva com o irmão de seu marido ou a regra matrimonial que prescreve esse tipo de casamento”.

Origem e extensão da poligamia entre os Tsongas

Curiosamente, os antropólogos têm procurado descortinar a poligamia. Para tal, começam por analisar a etimologia da palavra. Superficialmente, as pessoas têm aventado vários discursos para tentar catalogar a chamada poligamia, procurando demonstrar as suas raízes. Como surgiu este fenómeno? Para confirmar estas alegações, vejamos o que vem no seguinte extrato:

A poligamia pratica-se uniformemente em toda a tribo. Isto não quer dizer que todos os homens possuam muitas mulheres; a regra de história natural segundo a qual o número de homens é pouco mais ou menos equivalente ao número de mulheres, regra que foi reconhecida exacta em fisiologia, verifica-se também

entre os indígenas e, em tempos vulgares, as mulheres não são mais numerosas que os homens nas tribos bantu. Muitos homens são monógamos, não que o desejem mas por força das circunstâncias. Nas povoações arredores da cidade de Lourenço Marques, o chefe da povoação tem normalmente duas a três mulheres. Na região de Gaza os chefes vão mais longe, ou pelo menos, faziam-no noutros tempos, sob o domínio de Ngunguyana. (Junodi, 1996: 260)

Como se pode verificar, nalgumas tribos a poligamia está “legalizada”, é uma prática comum, e muitas pessoas estão conformadas com a sua existência. Mesmo que algumas pessoas não concordem, são obrigadas a aceitar e a conviver com a poligamia.

Existem, contudo, entre os Tsongas, alguns costumes impressionantes, que concedem à “primeira ou a principal mulher” uma situação especial que parece confirmar a hipótese da monogamia primitiva. O primeiro costume é a incisão ritual na região inguinal feita à primeira mulher depois da morte do marido, da mesma maneira, o viúvo pratica o mesmo rito, só quando lhe morre a primeira mulher e não quando morrem “as mulheres pequenas”. O segundo costume encontra-se no rito da fundação da povoação onde a primeira mulher desempenha um papel importante. O velho Rikatla afirmou a diferença entre a primeira mulher com as demais nos seguintes termos: A primeira é a verdadeira mulher e as outras não são mais que ladras, por isso se diz: quando morre a primeira mulher a palhota do marido está destruída.

Esta espécie de carácter sagrado de que é revestida a primeira mulher aparece ainda mais claramente em casamento dos chefes. (Junodi, 1996: 261)

A poligamia entre os Nyanja e Yao

Segundo António & Omar (2007: 66), “nas tradições Nyanja e Yao, o homem pode casar com mais de uma mulher. Mas isto acontece quando existe vontade do próprio homem ou quando as relações no seu primeiro casamento se tornam azedas, ou quando a mulher é doentia e ela própria autoriza o marido a casar-se com uma outra mulher”.

Na situação que se vive entre os Nyanja e Yao ressalta a poligamia como sendo algo que apareceu para beneficiar o homem, podendo este envolver-se em poligamia quando isso apetecer-lhe ou quando as relações no primeiro casamento deterioram-se ou por motivo de doença; aliás, culturalmente, as pessoas autorizam a poligamia quando esta

beneficia o homem. Como pode se depreender neste caso, todos os fatores gravitam em torno do homem. Não existe aqui nenhum motivo que defenda a poligamia para uma mulher. Por que razão quando a relação conjugal torna-se azeda, a mulher não tem opção? E quando o homem é doentio? São questões que pairam na mente da sociedade.

1.3 – Causas da poligamia entre os Nyanja e Yao

De uma forma geral, são vários, tal como em muitas sociedades, os fatores que contribuem para a prática da poligamia entre os Nyanjas e os Yao. Alguns desses fatores são os seguintes: “a incapacidade de procriação por parte da mulher, a virilidade anormal por parte do homem, a indisponibilidade curta ou prolongada para a actividade sexual por parte da mulher. A incapacidade contínua de assumpção do papel de dona de casa, o desencorajamento da prostituição. Adultério, a concessão de filhas em casamentos a maridos virtuosos, a menopausa e desinteresse sexual por parte da mulher, a gravidez de risco, a desobediência e o mau comportamento da mulher, até a propensão natural do homem para a diversificação na experiência sexual” (Mahomed [s/d]).

1.4 – Possíveis vantagens da poligamia entre os Nyanja e Yao

A poligamia nessas comunidades, de certo modo, permite resolver alguns problemas práticos. Por um lado, **evita a proliferação do adultério**, por outro, facilita ao homem a prática do planeamento familiar com as suas esposas. Isto é, se um homem tiver mais de uma mulher, pode deixar aquela que está grávida ou ainda tem bebé muito pequeno, e ter relações sexuais com as outras. Desta forma, a poligamia associada a outros tabus, **permite a uma mulher não engravidar** sucessivamente, uma vez que depois de um parto a mulher só volta a ter relações sexuais quando a criança tiver uma idade adequada, por exemplo, dois anos, pelo menos era assim no passado. (António & Omar, 2007: 66)

Como já se vem afirmando, as ditas vantagens da poligamia são meramente androcêntricas. Aparecem para beneficiar o homem e nunca para dar vantagem à mulher; parece que em quase todas sociedades a mulher existe para atender aos interesses dos homens, isto é, como um apêndice social. As mulheres existem para servir os homens. Isso não é correto porque é indício da discriminação.

1.5 – Consequências da poligamia entre os Nyanja e Yao

Na perspectiva da Revista *Tempo*, “a poligamia constitui uma das formas de organização familiar assente na exploração económica da mulher como mão-de-obra barata e como símbolo da riqueza e prestígio do homem polígamo”.

Seguidamente, passamos a parafrasear António & Omar, que discorrem sobre as consequências positivas e negativas da poligamia entre os Nyanjas e Yao. Estes aspetos, apesar de estarem ligados ao norte de Moçambique, podem ser generalizados para outras partes do país.

Uma das aventadas consequências possíveis da poligamia é, por um lado, constituir símbolo de riqueza e prestígio do homem polígamo; por outro, a poligamia desequilibra a economia familiar, pois o homem acaba desperdiçando a sua riqueza, que muitas vezes adquire com muito esforço. Até há casos em que, quando o homem possui mais que uma mulher, acaba retirando os bens da primeira mulher, para os distribuir pelas restantes. Isto ocorre na tentativa de atingir a tão almejada igualdade no tratamento. Dificilmente, alguém conseguiria tratar de modo igual duas ou mais esposas.

Nessa perspectiva de análise, a poligamia acarreta muitos aspectos negativos, visto que as mulheres são sujeitas à exploração económica e, na maioria das vezes, são reduzidas a um simples instrumento de trabalho, que existe para atender os interesses e caprichos do homem. A mulher deve corresponder, infalivelmente, às expectativas do homem, caso contrário, corre o risco de ser abandonada.

No sistema poligâmico, a mulher tem que aceitar que o seu homem tenha relações sexuais com outras mulheres, e o contrário é intolerável. O homem pode manter relações sexuais com outras mulheres, durante os dois anos que se seguem após o parto da mulher, e esta, por sua vez, deve esperar dois anos para voltar a ter relações sexuais com o marido. Em certos casos, a mulher tem de aceitar que, pelo facto de já não ser muito nova em relação ao marido, este possa procurar outra mulher mais nova, o que traz, como consequência imediata, outro grande mal nestes povos, que são os casamentos prematuros.

A gestão da poligamia entre os Yaos e Nyanjas é garantida pelo homem. Para ele manter o bem estar socio-económico ao nível de todas as suas mulheres, estabelece uma gestão rigorosa dos seus recursos e do tempo. A assistência às esposas é estabelecida, por norma, através de um calendário igual das visitas, que pode ser de uma semana ou um mês para cada uma delas, conforme a distância que as separa.

Esta gestão é igualmente verificada no âmbito da distribuição dos recursos económicos, assim como na prestação de serviços: tem de comprar, por exemplo, igual número de capulanas para todas ou abrir igual número de machambas.

É de salientar que o rendimento dos produtos da machamba que cada esposa consegue no fim do período agrícola, dependendo do esforço individual, serve para alimentar o marido. E em caso de uma delas produzir pouco, raramente o homem ousa tirar os produtos daquela que produziu mais para abastecer a outra, salvo se a infeliz tiver estado incapacitada por razões de doença durante o período agrícola.

Quando é assim, o homem é obrigado a fazer pequenos projetos de hortas ou machambas de rendimento, ou mesmo pequenos “buscatos” (comércio ou ganho-ganho), para poder cobrir o défice das suas esposas.

1.6 – Consequências gerais da poligamia

Neste item, acha-se conveniente apresentar alguns aspetos que nos são trazidos por Junodi, que apresentaremos numa paráfrase, por forma a acomodar algumas entrevistas e argumentos co-orientados e anti-orientados ao fenómeno poligamia.

Um aspeto positivo deste costume é que, na tribo bantu primitiva, não há a solteirona inconsolável. É, evidentemente, uma vantagem. Receio, porém, que, entrando a monogamia nos costumes, o celibato seja consequência inevitável. Contudo, os males da poligamia ultrapassam em grande medida as poucas vantagens que ela apresenta!

1ª Terrível desenvolvimento das paixões sexuais entre os polígamos;

2ª Os conflitos domésticos que havia nos lares dos polígamos, pois, muitas vezes, as mulheres trocam insultos entre elas.

3ª A poligamia praticada em grande escala conduz à ruína da família.

Ainda sobre as consequências da poligamia, na obra de Chiziane, encontramos também muitos elementos que enaltecem de forma clara os aspetos que marcam negativamente a vida da poligamia:

A poligamia tem todos os males, lá isso é verdade, as mulheres disputam pela posse do homem, matam-se, enfeitam-se, não chegam a conhecer o prazer do amor, mas têm uma coisa maravilhosa: não há filhos bastardos, nem crianças sozinhas na rua. Todos têm um nome, um lar e uma família. (CHIZIANE, 2008: 137)

Uma relação conjugal poligâmica é feita com base em conflitos constantes, uma situação conflituosa. As guerras são maiores e nunca há tréguas. É importante que se comente o facto segundo o qual várias vezes a poligamia acarreta consequências que alcançam o nível criminal. Mulheres são presas por causa de crimes macabros provocados por ciúmes e desentendimentos conjugais.

1.7 – Argumentos favoráveis à poligamia:

1- Um provérbio indígena diz: *Wansati mun´we angayaki muti*, isto é, “uma única mulher não constrói (constitui) povoação”. Confirmado por dois outros: *Litiho lin´we alinusi hove*, isto é, “não basta só um dedo para meter os grãos de milho cozido na boca”, e *Ntubana mun´we awusvikoti kudlaya nyoka*, que significa “Uma só flecha não é capaz de matar uma serpente”;

2- Ter várias mulheres é a glória dum chefe de povoação. Honram-no em relação ao número de mulheres que tiver.

3- O polígamo pode exercer assim hospitalidade generosa, levando a cada uma das mulheres um prato para a refeição da tardinha;

4- Se morrer a primeira mulher, não fica só;

5- Se ela adoecer, não lhe faltará comida;

6- Há muita gente para fazer o trabalho da povoação, as mulheres ajudam-se umas às outras;

7- O polígamo tem muitos filhos;

8- Não há mulheres solteiras, o que é uma boa coisa; se assim não fosse, como é que aquelas mulheres arranariam dinheiro para comprar roupas?

1.8 – Argumentos contrários à poligamia

- 1- A poligamia causa aborrecimento por causa do ciúme, sentimento que é originado quando um marido mostra preferência por uma das mulheres.
- 2- A poligamia facilita a bebedeira devido à grande quantidade de grão colhido e cerveja feita por tanta gente.
- 3- Desenvolve o orgulho no coração do polígamo.
- 4- Fica cara, porque o marido tem que pagar uma libra esterlina de imposto pela palhota de cada uma das mulheres.
- 5- Destrói a força do homem devido aos excessos sexuais cometidos.

1.9 – Qual deve ser a atitude dos governos e das missões para com este costume

- 1- Os governos civilizados devem reconhecer ainda a lei indígena, não podem proibir dum só vez todas as formas de poligamia. Mas se eles se tiverem dado ao trabalho de estabelecer o registo civil, parece que não devem autorizar uniões posteriores à primeira, nem considerá-las legais. Mas o que a lei não pode fazer, pode-o o ensino moral, e, de facto, as missões começaram já há muito tempo a combater o mal.
- 2- Todos os missionários que têm vivido entre os Bantu e conhecem alguma coisa da vida indígena estão de acordo num ponto: *A poligamia é incompatível com o ideal moral elevado e o ideal da família que o cristianismo trouxe ao mundo.* Como tal, não existe consenso no que toca ao tratamento que deve ser dispensado aos polígamos, uma vez que há vários posicionamentos. Alguns são pelo abandono das outras mulheres ou são contra esta ideia, proibindo apenas que o polígamo não ocupe cargos de chefia na igreja.

Existem pessoas que não conseguem discernir o carácter imoral da poligamia. No fundo da mentalidade bantu, encontra-se solidamente enraizada a ideia de que a mulher é possuída, que o homem é seu dono e que o casamento é uma compra.

Quando se lhes diz que o casamento deve ser a união de dois seres humanos ligados pelo amor mútuo, que, por conseguinte, um rapaz deve dar todo o seu coração a uma rapariga e que não deve ficar nenhum lugar para outra, parecem surpreendidos com o argumento e aceitam-no de boa vontade, sem que, contudo, a ideia lhes tivesse ocorrido.

CAPÍTULO II

1 – CONFLITOS DE GÉNERO EM *NIKETCHE*, DE PAULINA CHIZIANE

1.1 – SITUAÇÃO INICIAL

O romance *Niketché*, da autoria de Paulina Chiziane, projeta como personagem central Rosa Maria, mais conhecida na diegese com a designação de Rami, que cumpre a nobre e martirizante tarefa de contar e relatar aquilo que vivenciou num lar poligâmico. De forma autodigética, traz à tona uma gama de situações que vivenciou num contexto de casamento poligâmico. Na sua categoria de Nkosikazi³, retrata de forma clara, direta e objetiva aquilo que é o cerne da alma feminina no que tange à poligamia e às respetivas consequências nefastas. Por ser a primeira esposa, sente na pele o mau tratamento, porque à medida que as mulheres aumentavam, ela era relegada para segundo plano.

Rami via-se ofuscada e desprovida dos direitos que lhe são conferidos pela força da cultura, por ser casada oficialmente com o comandante António Tomás. Achava que tinha o direito de lutar pelos privilégios que lhe eram retirados em consequência da avalanche de mulheres que roubavam o amor, o carinho e a atenção, deixando-a numa situação de solidão e desamparo.

Facto curioso, o lexema que atribui título à obra em estudo, a saber *Niketché*, designa uma dança, mais comum na província central da Zambézia e na província nortenha de Nampula, dança esta que é adjectivada como sendo a dança de amor.

O interessante é encontrar tal palavra constituindo a epígrafe de uma obra que de uma maneira bem profunda analisa a questão da poligamia, que de uma ou de outra maneira divide as opiniões. Alguns já assumem a poligamia como algo normal, outros, influenciados ou não por várias religiões, negam afincadamente a questão da poligamia.

Existem alguns estratos populacionais que admitem a poligamia como sendo algo cultural, no entanto, uma leitura atenta da obra em estudo permite concluir que a autora assume a poligamia como sendo uma influência do islamismo. Todas essas asserções serão provadas ao longo deste trabalho.

³ Primeira esposa num lar onde existem várias. É termo que se usa para a primeira esposa que tem a responsabilidade de cuidar e governar as outras; ela é que manda nas outras.

1.2 CONSEQUÊNCIAS DA POLIGAMIA NA ÓPTICA DE RAMI

Rami apresenta-se altamente agastada com a situação cotidiana que a envolve e a enche de fúria, inveja, decepção, sentimento de vingança, desespero, entre outros fatores que afetam a sua autoestima, fazendo com que ela viva dias bastante complicados, muita tristeza, solidão e brigas. A personagem narradora metaforiza de maneira prática o drama, o dilema, o sofrimento e as consequências destruidoras trazidas pela poligamia para uma família que caminha em amor, harmonia e convívio harmonioso.

Mais do que ninguém, Paulina Chiziane consegue trazer em sua ficção narrativa aspetos que constituem uma radiografia dos problemas que são notáveis em várias relações mistas, onde se compartilha o (a) esposo (a).

Tony, isto é, o comandante da polícia que responde pelo nome completo de António Tomás, casa-se com um lote de cinco esposas. Para além da protagonista do romance em estudo, Rami, temos: Julieta, Luísa, Saly e Mauá Salé.

Desta maneira, a questão da poligamia constrói o cenário de termos um pai (que muitas vezes é apenas biológico e não tem tempo para cuidar e educar os próprios filhos), muitas mães e vários filhos, que, vezes sem conta, não percebem o fator irmandade, na medida em que os irmãos que possuem são frutos das rivais da mãe, o que torna difícil, se não impossível, o convívio como irmãos.

Assim, a responsabilidade de cuidar dos filhos fica ao encargo de cada uma das mulheres na coleção feita pelo esposo, remetendo-nos àquilo que chamaríamos uma coleção de mães solteiras tentando caminhar para a felicidade dos filhos, mesmo sem a presença física do marido que anda bem distante.

Paulina Chiziane começa o seu romance com um conflito: Betinho, filho de Tony e de Rami, quebra o vidro de um carro, e, nesse exato momento, na ausência do pai, a mãe é solicitada para ir gerir este conflito, função esta que deveria ser desempenhada pelo pai de Betinho, mas, pelo fato dele estar ausente, a esposa arrisca-se e vai resolver como elucida o trecho abaixo:

Meu Tony, onde andas tu? Porque me deixas só a resolver os problemas de cada dia como mulher e como homem, quando tu andas por aí?
Há momentos na vida em que uma mulher se sente mais solta e desprotegida como um grão de poeira. Onde andas, meu Tony, que não te vejo nunca? Onde andas, meu marido, para me protegeres, onde? Sou uma mulher de bem, uma mulher casada. Uma revolta interior envenena todos os caminhos. Sinto vertigens. Muito fel na boca. Náuseas. Revolta. Impotência e desespero. (Chiziane, 2010: 12)⁴

No extrato acima, encontra-se uma necessidade profunda de sentir uma presença física do marido. A mulher sente-se vulnerável, desprotegida, solitária, sem ninguém que a pudesse amparar. A protagonista sofre pela ausência do marido e por ter que, simultaneamente, ser pai e mãe para os filhos, como se isso fosse possível. Há aqui, portanto, uma crise de identidade, havendo necessidade de alternar a sua vida entre o ser mulher e o “tornar-se homem”, por uma ironia de destino.

Rami precisa aprender a saber estar em cada uma das situações que lhes são impostas pela vida. O simples facto de saber que não pode contar com a presença do marido nos momentos em que ela mais necessita, torna a vida dela cada vez mais atordoante, um autêntico inferno, uma conjuntura bem traumatizante.

A tristeza que emana do coração e da alma de Rami, que se sente infeliz pelo simples facto de não poder conseguir manter um homem em casa, faz dela uma mulher que vive e convive com a traição, e isso repercute-se na sua saúde. Por isso mesmo, Rami apresenta sintomas de uma doença que tem um fundo emocional. A mulher do polígamo é convidada pelas adversidades da vida a resolver efemeridades cíclicas para as quais não está preparada. Estamos a falar exatamente de consequências como náuseas, vertigens e fel na boca. Todos estes pressupostos convergem num tipo de vida bastante frágil, numa extrema vulnerabilidade em todos os âmbitos, quer psicológicos,

⁴ CHIZIANE, Paulina (2010), *Niketche*, 7ª Edição, Maputo, Ndjira.

quer sociais, incluindo os emocionais.

Para além das suas crises pessoais como esposa traída, abandonada e desamparada, Rami transporta o desejo profundo de poder fornecer aos seus filhos uma figura paterna e de autoridade que ajudasse na repreensão e na formação do carácter nos filhos. Esta pretensão legítima pode ser demonstrada nos seguintes moldes:

Se o meu Tony estivesse por perto, repreenderia o filho como pai e como homem. Se ele estivesse aqui, agora, resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro, homem com homem se entendem [...] Mas onde anda o meu Tony que não vejo desde sexta-feira? Onde anda esse homem que me deixa os filhos e a casa e não dá um sinal de vida? Um marido em casa é segurança, é protecção. (Chiziane, 2010: 13)

A presença de um marido em casa, ajudando no cuidado dos filhos, é o sonho de toda a mulher. Toda a mulher deseja um homem que seja somente para ela. Assim ajudaria a cuidar dos filhos e a proteger a casa.

Esta ausência sistemática é uma situação delicada, porque a mulher é obrigada a suportar o peso da família, a exercer e a desempenhar o papel de homem. Esta incumbência leva a mulher a uma posição masculina, o que é um conflito muito grande na questão da troca de papéis.

Biblicamente falando, essas trocas de papéis trazem consequências trágicas para a família, porque, numa relação conjugal, cada cônjuge tem um papel definido. Assim analisado, a liderança que precisa de ser exercida em casa está na prerrogativa do marido, que tem a categoria de cabeça da mulher. Vejamos:

Quero, entretanto, que saibais ser Cristo a cabeça de todo homem, e o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo.

Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja. (I Coríntios 11.3)

Estes versículos demonstram que, na perspectiva divina, o homem tem uma certa autoridade no sentido protetor e não discriminatório nem machista. Uma vez sendo o

criador, Deus reconhece o sexo feminino como sendo frágil e necessitando de proteção, cuidado e amparo.

Muitas vezes, a fragilidade da mulher tem sido mal interpretada, porque, em vez de aproveitarem o lado carinhoso e amoroso da mulher, as sociedades exacerbam a exploração da mulher, alegadamente por ser o género mais fraco, o que é incorreto, atendendo às novas dinâmicas sociais que prezam a igualdade de direitos e de oportunidades.

Nas linhas e entrelinhas de *Niketche*, saltam-nos à vista informações que descrevem todo um processo no qual, em várias casas, as mulheres estão no comando, em detrimento daquilo que deveria ser o papel dos homens. Podemos elucidar o exposto através da citação abaixo:

Nesta minha rua a maior parte das mulheres ficou só, os maridos decidiram abalar quase ao mesmo tempo. Eu sou a única que ainda vê rosto de homem de vez em quando – só para vir comer e mudar de roupa. Não há homens neste bairro, as mulheres é que governam as famílias, mas quando a noite cai, vêm-se muitos homens a entrar e a sair de algumas casas como ladrões, sorrateiramente. São homens casados, com certeza, e dessas relações nascerão filhos, muitos dos quais morrerão sem conhecer o pai. (Chiziane, 2010: 15)

Como acima referenciado, temos que admitir que a poligamia é fator disseminador de várias outras consequências, para além do número sem conta de filhos ou crianças que crescem sem o afeto paterno, e casos de mães que vivem sem esposos, acabando, algumas vezes, por abraçar a vida da prostituição, como forma de prover a família de recursos mínimos para a sobrevivência.

Muita coisa aparenta ser uma epidemia, porque quase todos os homens da área residencial estão sumidos, construindo uma aldeia tipicamente de mulher e, conseqüentemente, criamos outros tipos de problemas. Algumas mulheres quando se sentem fragilizadas, principalmente com a ausência constante dos maridos, acabam envolvendo-se em relações extraconjugais. Destes relacionamentos nascem filhos que acabam crescendo sem pai.

Na ausência do marido, esposo legítimo, a mulher recorre aos amantes para poder conseguir algum tipo de sustento para a própria família. Com os dias que correm, possivelmente com a eclosão massiva de programas emancipacionistas da mulher, é importante lutar-se pela equidade de gênero. Nalgumas regiões, principalmente urbanas, a mulher já se encontra massivamente envolvida no mercado de trabalho, como tal, não tem muita dependência em relação à criação de filhos.

Este acontecimento leva a sociedade a um outro extremo, a saber: criação de filhos de forma unilateral. Existem mulheres que julgam serem capazes de criar filhos sem os pais, da mesma sorte que alguns homens fazem o mesmo.

Tanto a primeira como a segunda possibilidade são negativas, na medida em que fazem com que crianças cresçam sem a presença da figura materna ou paterna, o que é prejudicial no processo da formação do carácter e de personalidade dos filhos, acabando por criar sentimentos aversivos em relação a um determinado gênero.

Mulheres de polígamos vivem dias difíceis, a felicidade não faz parte do seu dia-a-dia. A poligamia cria mulheres infelizes, mulheres magoadas, mulheres fragilizadas que acabam se envolvendo com vários homens como forma de resolver as suas necessidades de companhia e de natureza fisiológica.

Mulheres sem homens em casa, mesmo sabendo que são casadas, têm muitas dificuldades em serem felizes. A felicidade surge quando há um bom convívio com o cônjuge. Não adianta estar casada sem desfrutar das vantagens duma relação conjugal que existe só no papel, não se fazendo sentir na vida real.

Há muitas mulheres que estão envolvidas em situações, são os casamentos nominais, pessoas teoricamente casadas, mas, no fundo, com divergências enormes e problemas que nunca acabam. Como tal, em muitos desses casos, as mulheres detestam os homens, mesmo sabendo que os dois gêneros precisam-se mutuamente; isto faz com que as pessoas tenham muita necessidade de acasalamento e de formação de lares. É bom que se compreenda que existem pessoas que de maneira opcional não se casam.

Na tenra idade, após a puberdade, o ser humano tem uma tendência para a formação de pares, com a expectativa de encontrar o melhor par possível; mas, muitas vezes,

tardiamente, percebe-se que a escolha do par não foi adequada. Esta insatisfação pela escolha do cônjuge é que caracteriza a nossa protagonista em dado momento:

De todos os que me pretenderam escolhi o Tony, o pior de todos, que na altura julgava ser o melhor. Vivi apenas dois anos de felicidade completa num total de vinte e tantos anos de casamento. (Chiziane, 2010: 16)

Em todo o tempo, Rami só conseguiu sentir-se feliz em apenas dois dos mais de vinte anos em que está casada. Jamais se reencontrou desde que o marido começou a procurar outras mulheres. Diariamente, Rami vive uma vida interrogada, sempre em crise, procurando encontrar algumas respostas que lhe possam dar motivação para a vida, sentindo-se uma pessoa maltratada e humilhada pela vida. Encontra uma gama extensa de perguntas para as quais não tem respostas. Ela não encontra sentido na vida, não consegue a paz com ela mesma, demanda por algum tipo de resposta:

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nessa vida [...] sou a mulher mais infeliz do mundo. Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa [...] Agora danço a solo num palco deserto. Estou a perdê-lo. Ele passa a vida a fazer companhia às mulheres mais lindas da cidade de Maputo. [...] Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim (Chiziane, 2010: 16)

O extrato acima traz à superfície vários aspectos que são valiosos para a nossa abordagem, no contexto em que o género feminino (aquele que é mais afetado) encara dificuldades sérias no que toca a uma relação conjugal poligâmica.

Primeiramente, nota-se um sentimento de frustração exacerbada: apesar de casada há 20 anos, Rami não entende o homem que tem, homem com o qual partilhou muita coisa, muitos sonhos e muita convivência. Transcorrido muito tempo, no momento em que os eventos são narrados, Rami sente-se petrificada pela vida, o que se materializa no constante desprezo que ela sofre. O marido já não é mais o mesmo, mudou bastante, o

marido afirmou-se como homem perante a sociedade, mediante os cuidados de Rami, protagonista, que sente-se humilhada com todo dilema.

Outro aspeto digno de realce no acima citado tem a ver com as relativas causas do fenómeno poligamia, que é uma espécie muito acentuada de infidelidade conjugal. É um ciclo vicioso: o marido ascende a um novo estatuto social, ganha mais dinheiro e procura mais mulheres. Regra geral, a maior parte dos polígamos são seduzidos pela posição social, poder de compra, e encontram uma necessidade de cercarem-se de muitas mulheres.

Essa situação é humilhante na ótica da primeira esposa, porque o marido afigura-se injusto e ingrato, na medida em que começou a vida com uma mulher, passaram por situações difíceis, a esposa aturou-o, mas quando melhora a sua condição financeira tende a procurar outras mulheres, que só aparecem para esbanjar aquilo que com muito esforço e sacrifício foi construído.

Rami cultiva um sentimento de inferioridade, preocupando-se seriamente com a beleza das suas rivais. O marido já não consegue enxergar a sua própria mulher, porque as mulheres bonitas viraram a cabeça dele. Não consegue pensar em mais nada que não sejam as outras que o assediam e roubam o marido que por direito é da sua pertença.

A maior angústia que habita o íntimo de Rami é querer saber o que existe de errado, o que pode ter acontecido para que Tony tivesse passado por uma mudança tão radical. Ela pensa que o marido fugira de casa, por causa de alguma atitude demonstrada por ela. É desgastante, porque, nessa introspeção, Rami não encontra nenhuma resposta. São perguntas a que somente Tony poderia responder. Uma pessoa que troca tanto de mulheres é que pode dizer exatamente o que está procurando. Rami corporiza, de forma simbólica, o *modus vivendi* das mulheres que se encontram em situação de poligamia.

O cenário descrito em *Niketché* ocorre na cidade de Maputo. Se na antiga Lourenço Marques, capital do país, ocorrem fenómenos como este, imaginamos que outros fenómenos similares podem acontecer em zonas recônditas, onde o desenvolvimento ainda é embrionário. Desta maneira, chega-se a uma afirmação lógica: Rami é uma tipificação de um estrato social, de todas as mulheres que vivem nestas condições. Passa

por sofrimento em cima de sofrimento, lágrima sobre lágrima. É uma vida de constante lamento e desilusão:

Paro de chorar e volto ao espelho. Os olhos que se refletem brilham como diamantes. É o rosto de uma mulher feliz. Os lábios que se refletem traduzem uma mensagem de felicidades, não, não podem ser os meus, eu não sorrio, eu choro. Meu Deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim? Esfrego os olhos, acho que enlouqueci. Penso em fugir daquela imagem para o conforto dos lençóis. (Chiziane, 2010: 17)

Aqui encontra-se um dilema entre a Rami interna e a Rami que se apresenta ao público. Tem aparência de quem está em paz consigo mesma e de quem está em paz com a sociedade. Finge estar bem para ter bom aspeto perante a sociedade. No seu interior, consome-se de vários sentimentos de aversão e angústia perante a vida que encara.

A protagonista vive numa dubiedade, isto é, dois ambientes: do lado externo vive de aparências e, internamente, vive uma profunda depressão, desilusão e abandono total. Estas são as evidências inerentes ao tema que estão patentes no primeiro capítulo da obra em análise no que diz respeito aos conflitos de género em relações conjugais poligâmicas.

A obra continua abordando questões concernentes ao tema da dissertação. Continuam as perguntas inerentes à aflição da vida, em consequência de compartilhar um marido, se bem que isso é possível:

Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corresse de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? (Chiziane, 2010: 20)

É necessário que se deixe bem claro que as sociedades poligâmicas são machistas por natureza, porque o homem é o chefe de todas as incursões dentro da sua família. A mulher vive um drama muito delicado. No que tange à sua vida íntima, encontra-se numa situação em que tudo é entregue a Deus.

A frustração de Rami é tanta que até chega a não saber se possui algum desejo, porque quase toda a vida vê os seus desejos hipotecados aos do marido que outrora fora seu, mas agora precisa compartilhá-lo com mais tantas. Assim, enfrenta a humilhação de ter que compartilhar ou dividir o marido com umas tantas mulheres. Esta situação coloca a nossa protagonista em infinitos murmúrios e num conflito constante, como confirma o extrato abaixo:

Penso muito nessa tal Julieta ou Juliana. Mulher bonita, ouvi dizer. Tem com o meu Tony muitos filhos, não sei quantos. É um segundo lar, sólido e fixo. Na minha mente correm ideias macabras. De repente apetece-me ferver um pote de óleo e derramar na cara dessa Julieta ou Juliana, para eliminá-la do meu caminho. Apetece-me andar à pancadaria como uma peixeira. Rezo. Rezo com todo o fervor para que essa mulher morra e vá para o inferno. Mas ela não morre e nem o romance acaba. Enquanto ela viver, nunca terei o meu marido por completo e não o quero dividir com ela. Marido não é pão que se corta com faca de pão, uma fatia por cada mulher. Só o corpo de cristo é que espreme em gotas do tamanho do mundo para saciar o universo de crentes na comunhão de sangue. (Chiziane, 2010:21)

A personagem narradora apresenta-se bastante agastada, a situação que ela vive desperta no seu interior vários desejos macabros e de maldade: até intenções assassinas, com a finalidade de livrar-se da rival, que, teoricamente, lhe havia arrancado o marido.

Numa situação de poligamia, podem até surgir mortes por envenenamento ou por espancamento. Aliás, após o depoimento acima, Rami partiu para a casa de Julieta, onde se envolveu em situação de pancadaria, por causa do ciúme constante, atentados que não têm fim, uma vida de luta sem tréguas, confrontos, desafios, invasões. Vejamos:

Invado a casa quarto a quarto, vasculho, sem pedir licença, a casa é do meu marido, por isso é minha, sou a esposa legítima, com contrato assinado no cartório [...] Quero descobrir nesta Julieta o que ela tem e eu não tenho. O que faz o Tony afastar-se de mim e apaixonar-se por ela. Ela é mesmo bonita, confirmo, mas Deus meu, por mais bonita que seja não tem o direito de tirar-me o marido que é meu. (Chiziane, 2010: 22)

Como se pode verificar, o dilema que ela vive não é fácil, algo muito assolador, não tem saída, sofre de uma maneira bem profunda, até ao âmago do coração. E é bom que se referencie, que não é um clima pacífico. É muito difícil prever até que ponto vai a fúria duma mulher legítima que se sente traída, desprezada, abandonada, desprotegida, enganada, num elevado sentimento de desapontamento em relação à sua condição. Com isso tudo, é impossível pensar-se numa possível vantagem da poligamia.

Num ambiente em que as esposas são várias, nota-se de certa forma uma injustiça constante, é o caso de dois pesos e duas medidas, tal como demonstra a seguinte passagem: “Ela veste um decote atrevido, com os sovacos à mostra, mas a mim o Tony quer-me vestida e abotoada como uma freira. O que para mim é proibido, à outra é permitido. Essa contradição me ofende”. Este pequeno excerto é bastante claro sobre o fator injustiça que vigora em muitos lares poligâmicos. Alguns teóricos afirmam que, em casos oficiais de poligamia, é imperioso que haja uma justiça conjugal, mas isso é efetivamente impossível.

A personagem Rami sofre uma evolução psicológica bastante acentuada e chega a simpatizar com o sofrimento da rival quando se apercebeu que ela se encontra numa situação bem pior que a dela. Percebe que ambas são vítimas de um enganador. Foram presas fáceis do comandante Tony, que se dedica ao exercício de seduzir mulheres para acrescentar a extensão do seu harém. Analise-se o que se segue:

A minha rival desce da catedral, fecha os olhos e baixa a cabeça. Do fundo do ser brotam lágrimas em cascata que correm como chuva ácida. Pobre Julieta, o que esperava ela? Ser melhor do que eu? Infelizmente muitas de nós, mulheres, agimos assim. Subimos ao alto do monte e só quando estamos no ar compreendemos que não temos asas para voar. Atiramo-nos do alto do céu para um poço sem luz nem fundo e quebramos o coração como um vaso de porcelana. Tenho pena da Julieta, que treme em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me. [...] Depois embalo-a. Sofro com ela. Coitada, ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caçada e traída como eu. (Chiziane, 2010: 26)

Há aqui uma amizade de circunstância entre duas mulheres que se encontram fragilizadas, são vítimas da mesma calamidade, foram vitimadas por Tony. Estão magoadas e consolam-se mutuamente. Rami descobriu que a situação não estava tão mal como ela pensava; pelo menos era uma esposa oficial e conhecida, em detrimento duma Julieta amada e magoada às escondidas.

Rami assume e reconhece o dilema que enfrenta diariamente, e desabafa nos seguintes termos: “Ter é uma das muitas ilusões da existência, porque o ser humano nasce e morre de mãos vazias [...] Tenho um amor não correspondido. Tenho a dor e a saudade de um marido sempre ausente. A ansiedade. Ter é efemeridade, eterna ilusão de possuir o intangível. Teu é o que nasceu contigo”. (Chiziane, 2010: 27). Reconhecemos aqui uma Rami diferente, as circunstâncias que ela enfrenta produzem uma relativa maturidade em relação à sua fase inicial. Aprende com a pedagogia do sofrimento, sofre tanto que conhece um novo estágio psicológico.

Materialmente, convence-se de que não existe a mínima possibilidade de ter o esposo com uma exclusividade, como nos primeiros dois anos em que esteve casada com Tony, antes do início das aventuras amorosas do esposo. Encontra-se numa encruzilhada, um beco sem saída em que não pode recuar por causa dos filhos. Está pensando num divórcio, mas não pode materializar este desejo pela força que a une aos seus descendentes, como tal, encontra-se numa condição de ter que suportar a dor, e trazer de volta o marido. Em nenhum momento deixa-o à deriva, o que seria perdê-lo para as outras.

Canto a minha canção preferida para espantar a solidão. Dentro de mim cresce a vontade de deixar tudo. Divorciar-me. Estoirar este lar pelo ar. Procurar um novo amor, talvez. Mas não. Não, não largo o Tony. Se o deixo, nesta cama dormirão outras mulheres, não vou sair daqui. Se eu me divorcio o meu marido vai casar com a Julieta ou com tantas outras, não vale a pena sair daqui. Se eu vou, os meus filhos serão criados por outras, comerão o pão amassado pelas mãos do diabo, não posso sair daqui. (Chiziane, 2010: 29)

Aqui, verifica-se que ela tem vontade de se livrar da relação, mas dois fatores a prendem: o ciúme de não querer ver a sua casa frequentada por outra mulher, e o desejo de apoiar moralmente os filhos.

Só para tentar contrastar as personagens construídas por Chiziane, por um lado, Rami quer sair da relação poligâmica; por outro, Sarnau, mesmo que seja cinicamente, alimenta uma vontade de envolver-se numa relação de poligamia, como ilustra o seguinte extrato:

– Eu aceito ser a segunda mulher, ou a terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira. Mesmo que tivesses cem, eu seria a centésima primeira. O que eu quero é estar ao teu lado.

– Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás minha mulher, nem segunda, nem terceira nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia. (CHIZIANE, 2008: 29)

Como se pode notar, dentro da ilusão há a tendência de pensar-se que a poligamia seja uma boa coisa, mas, na vida real, ostenta resultados nada satisfatórios. A situação da poligamia é discutida de várias maneiras, apesar de existirem alguns que apoiam e estão a favor, outros condenam-na veementemente, considerando algo difícil, pese embora o facto de algumas religiões aceitarem esta situação.

Ainda em *Niketche* encontram-se várias marcas que atribuem uma liberdade aos homens relativamente às mulheres. Esta situação é provada com o seguinte extrato:”- Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami”. (Chiziane, 2010: 31).

Este pequeno trecho exacerba a situação discriminatória em que vive a mulher numa sociedade em que tudo está voltado para homem. É uma prova evidente de que as sociedades poligâmicas são maioritariamente machistas e, quase sempre, promovem comportamentos discriminatórios relativamente à figura feminina. A mulher é desprezada, espezinhada e relegada para o último plano.

III – CONCLUSÃO

Caminhamos a passos largos para atingir a ponta final do presente trabalho. Como tal, é imperioso fazer as ilações finais. Da análise feita, conclui-se que a poligamia é a união conjugal de uma pessoa com várias outras. Não se deve confundir com o amantismo, que é também comum nas sociedades humanas, mas em que o laço com um parceiro sexual para além do casamento não é nem aceite pela lei, nem, na maior parte das vezes, de conhecimento público. Neste caso, as causas são variadas, dentre as quais se destacam as questões sociais e culturais, segundo as quais o homem não deve possuir apenas uma mulher, deve ter várias para permitir salientar a sua virilidade.

A poligamia faz parte da cultura de várias sociedades humanas, mas tem geralmente causas económicas. Como consequência das guerras, em que muitos povos estiveram envolvidos e em que participavam principalmente os homens, muitas mulheres (e seus filhos) ficavam viúvas (e órfãos), e uma forma de prestar assistência a essas pessoas sem meios de subsistência, era o casamento.

Outras causas incluem o êxodo rural, em que muitos homens trocam o campo pela cidade, ou migram para outros países, em busca de emprego, deixando muitas mulheres nas aldeias. Aliás, esta causa é bastante insignificante, porque não se pode resolver um problema social criando outros.

Um homem que possui apenas uma mulher, tanto em certas regiões de Moçambique, como em outros países do continente africano, tem a sua masculinidade questionada. Esta questão não é consensual, porque há regiões em que se considera homem aquele que mantém um casamento estável com apenas uma mulher, e noutras, esse estatuto só é-lhe atribuído quando possui várias mulheres.

Desta maneira, há que se dizer que é necessário admitir que muitas vezes, ou mesmo sempre, a poligamia acarreta enormes consequências para a vida conjugal do casal e das pessoas que estabelecem relações sociais com a família visada. Dificilmente as partilhas são conduzidas de uma boa maneira. Sempre começa-se de uma boa maneira, mas sempre o fim é doloroso, pois não há como partilhar sem ter consequências. Deste modo, no que tange à poligamia, não existe a mínima possibilidade de ocorrer sem consequências. Como auto-consolação, algumas personagens que vivem em relações conjugais poligâmicas falam de uma partilha como algo positivo. Vejamos uma

passagem retirada de *Niketche*: “- filha minha, a vida é uma eterna partilha. Partilhamos o ar e o sol, partilhamos a chuva e o vento. Partilhamos a enxada, a foice, a semente. Partilhamos a paz e o cachimbo. Partilhar um homem não é crime” (Chiziane, 2010: 72).

Isso é prova evidente duma aceitação passiva da situação da poligamia. No trecho acima, a tia, que fora a vigésima quinta esposa de um rei, afirma categoricamente que partilhar um homem é algo normal, equiparado a questões naturais como vento e sol, a objetos socialmente partilháveis como a foice e a enxada.

Curiosamente, partilhar uma esposa ocorre somente em casos extremos. Confira-se: “Veze há em que partilhar a mulher é necessário, quando o marido é estéril e precisa colher o sémen de um irmão”. Apenas nesse caso é que se pode partilhar uma mulher, um caso que não colhe unanimidade social.

Tal como se disse ao longo do desenvolvimento da dissertação, a maior parte dos fatores estão voltados para o homem, até porque é o homem que dita as normas de conduta e as regras de convivência social. Tudo gira em torno do machismo, daí a designação “sociedades androcêntricas”, porque tudo gira em torno da figura masculina.

Para fazer alusão ao pressuposto acima, podem-se referenciar as seguintes causas da poligamia: a infertilidade da mulher, doença prolongada ou doenças cíclicas da mulher, hábitos culturais e religiosos, azedamento da relação conjugal anterior, permissão por parte da esposa, entre outras. No entanto, o facto curioso é que estas causas servem pura e simplesmente os interesses masculinos. E as mulheres como ficam? Eis a questão que fica no ar. Com isso, nota-se uma relativa apatia e falta de sentimentos relativamente à figura feminina, daí a firme e lógica conclusão, segundo a qual a poligamia já é um conflito de género.

Em relações poligâmicas, o género feminino sai sempre em desvantagem, uma vez que os homens são sempre considerados superiores; aliás, existem alguns homens que se envolvem em poligamia porque têm um forte potencial sexual, que é subalternizado em caso de viverem em monogamia.

Dentre as várias conseqüências, destaca-se a destruição das famílias, o que tem sido

um elevado constrangimento para as sociedades. Muitas vezes, com apenas uma casa, as pessoas encaram dificuldades para gerir apenas uma família; imaginemos duas ou mais famílias, correspondendo a igual número de esposas. A estas consequências, podemos referenciar: a solidão das mulheres, maus tratos às mulheres, protagonizados pelos homens; principalmente as esposas mais antigas (velhas) tendem a ser discriminadas em benefício das mais novas (recentemente adquiridas).

O polígamo vive num dilema, procura uma satisfação em várias mulheres, é um ciclo vicioso de não satisfação. As mulheres vão-se sucedendo, tal como acontece a Tony da obra *Niketché*, que a cada momento ia acumulando mulheres. Uma mulher recém-adquirida significava automaticamente o desprezo da anterior ou das anteriores.

Desestruturação da economia familiar, isto porque, aqueles recursos que de princípio serviriam para apenas uma família passam a ser repartidos, muitas vezes de maneira desigual, para muitas famílias, que irão depender da quantidade de mulheres que o homem angariar.

É impossível tratar duas ou mais mulheres de forma igual. Por isso a pretensão egoísta dos polígamos de serem heróis de várias mulheres e satisfazê-las cai por terra, uma vez que não conseguem fazê-lo de forma coerente, sem deixar marcas de tratamento desigual, isto para além de vastos conflitos sociais (homem/ mulher; mulher/mulher) que são produzidos em relações conjugais poligâmicas.

A poligamia tem como resultado fundamental as desigualdades sociais: o homem é tratado como superior, isto contraria as modernas pretensões e os recentes anseios da sociedade em alcançar a igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres.

Muitas vezes, as mulheres que possuem um marido em comum vivem em constantes tumultos, brigas e rixas por inveja, rivalidade e ciúmes que nunca terminam. É precisamente uma vida difícil para a mulher, por isso, os governos deveriam aprovar leis que proibam a poligamia em todas as suas variantes.

Desta maneira chegamos ao fim da presente dissertação e estamos esperançados de termos atingido os objetivos que nortearam a efetivação desta abordagem. Também

estamos cientes que o tema está ainda em aberto e poderá ser objeto de mais estudo em futuras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

- ANTÓNIO, Alexandre & OMAR, Lúcia Laurentina. (2007) *Alguns Usos e Costumes Matrimoniais dos Povos Yao e Nyanja da Província do Niassa*. Lichinga. Development Cooperation Ireland. Editor ARPAC – Instituto de Investigação Sócio Cultural, Delegação do Niassa. Impressão CIEDIMA / Maputo.
- ANTHON, Giddens. (2008) *Sociologia*. 6ª Edição.
- BERNARDO, Bernardi. (2007), *Introdução aos Estudos Etno – Antropológicos*. Lisboa. Edições 70 Lda.
- CECÍLIA, Mac Dowell Santos & WANIA, Pasinato Izumino. *Violência Contra as mulheres e violência do género*. Notas Sobre estudos feministas.
- CHIZIANE, Paulina (2010). *Niketche*, 7ª Edição, Maputo, Ndjira.

- CHIZIANE, Paulina (2008). *Balada de Amor ao Vento*, 4ª Edição, Maputo, Ndjira.
- Dicionário Aurélio 5 – versão eletrónica.
- Dicionário Houaiss 3 (2009) – versão eletrónica.
- FÓRUM MULHER (2006). *Para além das Desigualdades*, A Mulher em Moçambique.
- JUNODI, Henri A. (1996) *Usos e Costumes Dos Bantu. Tomo 1. i. ARQUIVO HISTÓRICO DE MOÇAMBIQUE*. Documento 3.
- MILLETT, Kate (1970). *Política Sexual*, Publicações Dom Quixote, S\L.
- SANTOS, Armindo (2002). *Antropologia Geral. Entografia, Etmologia, Antropologia Social*. Lisboa. Universidade Aberta.
- MAHOMED, Sheikh Aminuddin. (s/d) *A mulher no Isslam* Vol. II. Instituto Islámico Hamza, Motola, Maputo.
- TITIEV, Mischa (2009). *Introdução à Antropologia Cultural*. 10ª Edição. Coímbra. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Revista Tempo, 24 de Novembro de 1984
- Cf. I Coríntios 11. 3 (Bíblia Sagrada, Edição Revista e Corrigida no Brasil)
- Cf. Efésios 5.23 (Bíblia Sagrada, Edição Revista e Corrigida no Brasil)